

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

Editores da Coluna Opinião

16-04-2025

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 55, março 2020, Trabalhadores Anônimos]

**"Vendo tudo o que pintar...
...menos o que não se deve..."**

Alexandre da Silva Oliveira, de 45 anos, trabalha no larguinho Verdun/Grajaú/Rio há doze anos como guardador de carro e, há cinco anos, tornou-se também livreiro de sebo. Ajudou-me a estacionar umas tantas vezes, outras não permitiu. Sempre correndo, parava o carro, 'voava' ao banco, farmácia, quibes, frutas, carnes, bolos... meu olhar esbarrou certa vez num livro infantil na toalha no chão que comprei para presentear. Soube seu nome há poucos dias. Na pressa, não enxergava Alexandre que estava ali para encurtar meu gasto de tempo na terceira jornada de uma mulher.

Procurava entrevistar um vendedor de sebos nas ruas; encontrei muito mais! Alexandre frisa que é guardador registrado no Sindicato dos Guardadores de Automóveis do ERJ, cujo uniforme estampa o logotipo, desde 2001 e pede que

SINDICATO DOS GUARDADORES DE AUTOMÓVEIS DO RJ		
Rua Santa Luzia, 405 - Sala 502 - Centro - Rio de Janeiro - RJ		
CNPJ 34.152.925/0001-22 - Tel.: 226-9559 / 2264-7464 / 2262-2380		
RECIBO DE VENDA DE TALÕES DE ESTACIONAMENTO Nº 19672		
DATA: 26/10/01	MAT: 43149	COLETA:
STACIONADOR: Alexandre	PREÇO: R\$ 80,00	SERIE: A29
QUANT. DE TALÕES: 100	VALOR: R\$ 80,00	DATA: 26/10/01
INICIAL: 815131513	FINAL: 815131510	MATRÍCULA: 1294
VENDEDOR: Alexsa		

Primeiro talão de estacionamento

fotografe o recibo de venda do primeiro talão de estacionamento (figura). Entre um carro e outro que ajuda a estacionar, aproveita para vender sebos, guarda-chuvas, viseiras, artesanatos etc. *Vendo tudo o que pintar. Só não vendo drogas.* É também catador de recicláveis e a ideia de vender livros usados surgiu quando há uns 4-5 anos encontrou-os no lixo e vendeu setenta num único dia. *Meu dia de trabalho começa às cinco da manhã com os recicláveis, depois venho para o estacionamento, vendo o que der e só volto para casa depois das 19 horas.* Alexandre caminha a vida e, como cita, "se vira nos trinta"... Trabalhando como camelô, tem a seu favor a flexibilidade de vender produtos segundo a demanda do momento. Os 38,4 milhões de brasileiros desempregados, muitos excluídos de atividades que levaram alguns anos para aprender a dominar, possivelmente não se consideram afortunados. O 'comemorado' aumento da população ocupada tem sido sustentado pelo trabalho informal que atingiu a média de 41,1% no país, sendo maior que 50% em 11 estados. No Rio de Janeiro, de 100 ocupados, cerca de 38 estão na informalidade (Folha de São Paulo, 2020), o que também significa não ter direito a adoeecer e nem parar de trabalhar quando adoecer. Alexandre nasceu e morou em Realengo durante muitos anos. Seu primeiro emprego como Office Boy foi aos 19 anos na Galeão Serviços Aduaneiros Ltda. Faz questão de mostrar a carteira assinada por três meses. Depois foi vendedor de gás em Bangu e adjacências. *Não quis mais trabalhar com carteira. Prefiro assim. Sou camelô desde 1996, primeiro em Bangu e depois nos arredores do 'Balança mas não cai' (Praça Onze), 'acumulando' as atividades de guardador.*

.....Paga autonomia há cerca de oito anos.....

Os livros atraem pessoas com quem troco ideias e aprendo muito. Um dos melhores compradores é ele.

Apresenta-me a um historiador aposentado morador do larguinho.

Luiz [nome fictício] me orienta sobre o conteúdo dos livros, li alguns por sua indicação, fala quais são os mais interessantes, importantes, raros...

Aprendo muito com ele.

O historiador diz que a

recíproca é verdadeira. Alexandre continua... *Tenho duas filhas, uma de 23 anos do primeiro casamento que me deu dois netos, e a de nove, com minha esposa atual. Minha filha mais nova é muito estudiosa, a primeira precisou parar os estudos para cuidar dos filhos. Não concordei mas ela diz que vai voltar, ainda é nova. Parei de estudar no 2º ano do 2º grau e gostaria de continuar. Quero me tornar salva-vidas! Já salvei algumas pessoas na praia. Gosto de ajudar as pessoas e sou voluntário em projetos sociais. Se cada um fizer um pouquinho, transformamos o mundo para melhor. Sonho também em ver minhas filhas e netos formados e com saúde.* O movimento de carros e de compradores de livros não para. Alexandre atende a todos com um e outro pedido de tempo e, quando possível, um dedo de prosa...

Nas últimas quintas do mês, 'bato ponto' na fábrica de bolos para levar um fresquinho ao Fórum Intersindical.

Tornei-me mais assídua desse larguinho de poucas vagas depois que a lojinha de comidinhas sírias apareceu por lá. Banco, farmácia, cabeleireiro, açougue, depósito de bebidas, hortifruti, delicatessen, botequinho, armarinho, livros... bom ponto de comércio e de 'resolver o dia-a-dia'.

E, para meu conforto e prosa garantida Alexandre ...
o que vende tudo menos o que não deve.

Meu irmão já foi do sindicato e aprendi muito com ele. Não adianta reclamar da vida. Vai à luta! É melhor ir para a rua, reivindicar!

■ ■ ■

Alexandre continua em seu ponto de vendas. E me disse estar bem contente assim. No início de 2020, menciona ter desistido do trabalho formal aos 20 e poucos anos (1996). Hoje, jovens de 20 e poucos também estão preferindo a informalidade. Este movimento é da geração do milênio? Alexandre era o único trabalhador do século passado a optar pela informalidade? Claro que não! O trabalho celetista, por motivações complexas, deixou de interessar aos trabalhadores há tempos. A voz dos trabalhadores é a voz de Deus? Na informalidade, encontram a liberdade, a saúde, o respeito que não conseguem no emprego regrado mas sem propósito. Percebo que Alexandre é respeitado pelos seus colegas camelôs e trabalhadores das lojas do local. Conversa e troca saberes com clientes e parece conhecer donos, horários e habilidades dos motoristas que estacionam por ali. Esbanja intuição...

Nota: Pesquisa, texto e fotos de Rosângela Gaze - fevereiro 2020.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

